

# VER AS CORES ATRAVÉS DAS DEFINIÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE PORTUGUÊS

SÍLVIA BARBOSA E CHIARA BARBERO

NOVA FCSH/CLUNL

**Abstract:** O presente trabalho centra-se no universo das cores, em concreto, nas definições constantes nos dicionários para expressar e categorizar a experiência cromática. Partindo dos nomes de cor (básicos) recolhidos em seis dicionários de língua geral do português, verificou-se o uso de entidades para evocar a cor nas definições lexicográficas. De acordo com as noções de lexicultura de Galisson (Galisson 1988) os falantes que partilham a mesma língua, cultura e conhecimento compreendem plenamente os referentes evocados. Nesse sentido, efetuou-se uma análise comparativa das definições de nomes de cores em alguns dicionários do Português Europeu (PE) e do Português do Brasil (PB) para testar as diferenças na lexicalização e nas definições e sua relação com o elemento cultural. Os resultados deste estudo exploratório demonstram um grau de partilha considerável entre duas variedades linguísticas geograficamente e culturalmente distantes e podem ser muito úteis para, em primeiro lugar verificar que diferenças são apresentadas nos dicionários e, em segundo lugar, para alertar os utilizadores dos recursos lexicográficos acerca da possível ambiguidade decorrente de diferenças culturais entre PE e PB numa perspetiva intercultural. O presente trabalho pretende contribuir assim para o desenvolvimento de trabalhos contrastivos entre PE e PB.

**Keywords:** nomes de cor, Português Europeu, Português do Brasil, definição, dicionarística, lexicultura, lexicografia

## 1. Introdução

Apesar de todo o avanço tecnológico dos últimos anos, o dicionário (em formato papel ou digital) continua, no nosso entender, a ser uma obra relevante para o desenvolvimento cultural e social, onde o utilizador pode consultar um acervo fiável de informação que lhe permite, por um lado, solucionar dúvidas e, por outro, observar um repositório do património linguístico e cultural e constatar como uma comunidade vê e nomeia o mundo envolvente e qual o conhecimento que é partilhado.

O dicionário permite-nos, assim, observar diferentes fenómenos. Por exemplo, a forma como o lexicógrafo apresenta de modo mais ou menos evidente as suas opções (políticas, religiosas, entre outras) e os critérios selecionados para a construção do recurso (o público a que se destina, o número de entradas, a construção das definições, etc.), projetando uma imagem das suas intenções e ideologias na edição dos mesmos. Por outro lado, o dicionário permite-nos observar como a comunidade linguística nomeia o que a envolve, refletindo as influências sócio-históricas do momento em que foi criado; bem como, compreender como a cultura é entendida e partilhada entre lexicógrafo e utilizador, mas, também, como a própria definição lexicográfica é construída.

Sabendo que o dicionário de língua geral procura apresentar na definição lexicográfica, a descrição da estabilidade através das polissemias estabilizadas no sistema linguístico (Rey 2008) e que o verbete tem “elementos lexicoculturais [que] estão presentes em muitos termos das nomenclaturas e nas definições lexicográficas” (Lino et al. 2010), pareceu-nos pertinente analisar uma seleção de verbetes de nomes de cor num conjunto de dicionários monolíngues de língua geral do português (variedades do Português Europeu e do Brasil) que o utilizador facilmente consulta.

A nomeação da cor tem sido objeto de amplo debate e estudos, quer para o PE (Carvalho 1994; Swearingen

2002; Correia 2006; Villalva 2016), quer para o PB (Said Ali 1931; Zavaglia 1998, 2006, 2007; Severo 2008). De um modo geral, podemos identificar a existência de duas correntes: por um lado, os universalistas que postulam universais semânticos que determinam a nomeação da cor nas mais diversas línguas; por outro, os relativistas, que argumentam que cada língua recorta e categoriza o mundo de forma particular e distinta. No entanto, não é objetivo deste trabalho aprofundar estas questões.

Tendo em conta estes pressupostos, achámos importante realizar uma análise no âmbito do universo das cores, quando se trata de recursos facilmente acessíveis por comunidades linguísticas com falantes provenientes de contextos culturais diferentes.

Num primeiro momento, analisaremos uma seleção de nomes de cor em seis dicionários<sup>1</sup> de língua geral do português para observar:

- (i) que entidades são mencionadas nas definições dos nomes de cor básicos;
- (ii) que entidades mencionadas estão atestadas em ambas variedades de português selecionadas;
- (iii) que características cromáticas estão explicitadas e associadas a estas entidades nas suas definições.

Após a observação dos dados mencionados acima, considerámos pertinente verificar para cada entidade mencionada na definição: (i) se nas definições são mencionadas as mesmas entidades; (ii) se o referente cromático potencial para cada entidade mencionada é o mesmo. Para tal, analisámos a informação apresentada na definição em cada dicionário nas duas variedades do Português.

Assumindo que, de acordo com Galisson<sup>2</sup>, a língua e cultura estão intrinsecamente ligadas, sendo a língua, simultaneamente, produto, produtor e veículo de uma cultura, procurámos verificar se os utilizadores dos recursos lexicográficos precisam de partilhar, para além da língua, também a mesma cultura e, conseqüentemente, a mesma perceção/conhecimento sobre mundo, para compreenderem plenamente as definições e para recuperarem os referentes extralinguísticos evocados pelas mesmas.

Ainda neste sentido é importante mencionar a noção de comunicação intercultural apresentada por (Bondi 2007, 57) onde se alerta para contextos em que, apesar de ser utilizada a mesma língua, encontramos diferenças no que diz respeito à cultura: “Yet, differences in meanings across culture can be just as significant when different cultures use what is normally recognised as the ‘same language’ (...) Occurrences of differences at these points still suggest we are dealing with intercultural communication.”

Por forma a observar essas diferenças lexicoculturais, optámos por escolher um contexto de estudo (os verbetes dos nomes de cor e das respetivas entidades) em que a variável língua fosse partilhada (neste caso o Português nas suas variantes PE e PB), mas a variável cultura (com tudo o que esta implica: geografia, história, folclore etc.) não.

## 2. Nomes de cor

Os nomes de cor básicos considerados para este trabalho são: preto/negro, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, castanho<sup>3</sup>, cinzento, rosa, roxo, laranja, sendo que: “de acordo com Berlin & Kay (1969/1999:6-7), para classificar um nome de cor como nome de cor básico é necessário que ele exiba as seguintes

<sup>1</sup> Ver secção 3. deste artigo.

<sup>2</sup> “Pour accéder à la culture, quelle qu’elle soit, le meilleur truchement est le langage, parce qu’il est à la fois véhicule, produit et producteur de toutes les cultures” (Galisson 1988, 330).

<sup>3</sup> Em PB corresponde ao marron.

caraterísticas:

1) seja monolexemático; 2) o seu significado não esteja contido no de nenhum outro nome de cor básico; 3) a sua aplicação não seja restrita a uma classe de objetos; 4) seja psicologicamente relevante para os falantes. (...) A língua portuguesa encontra-se no estágio VII de desenvolvimento, apresentando 11 termos básicos de cor (...), de acordo com a proposta de classificação, de cariz evolucionista” (Correia and Barbosa 2013, 388)

Para este trabalho considerámos como nome de cor (não básico) “uma palavra ou grupo de palavras mais ou menos fixo (com graus diferentes de lexicalização (...)) que possa, em certos contextos designar uma determinada cor ou matiz dessa cor” (Carvalho 1994).

Tendo em conta as definições dadas acima de nome de cor básico e não básico, analisamos as definições lexicográficas de nomes de cor básico uma vez frequentemente recorrem ao uso de entidades que prototipicamente apresentam a cor como característica saliente, relevante e distintiva aquando do processo de categorizar tais entidades no mundo real (por exemplo, a entidade “gema de ovo” para o nome de cor “amarelo”) na sua definição de conceção polissémica. O objetivo desta análise é verificar em que medida o conhecimento acerca das entidades em questão é partilhado nas duas variedades e, se em ambas as variedades do Português, a perceção cromática destas é a mesma ou distinta.

## 3. Definição no dicionário

Os dicionários são recursos estruturados e organizados de acordo com a função que pretendem desempenhar e com o público alvo ao qual se dirigem, quer ao nível da macroestrutura, quer da microestrutura do verbete. Para o desenvolvimento deste trabalho, damos particular destaque à definição lexicográfica registada em dicionários de língua geral do português.

É evidente que definir um nome de cor não é igual a definir um nome de uma entidade concreta, como por exemplo, “livro”; as definições são construídas de forma distinta. Para “livro”, uma definição clássica, por intensão, poderá ser suficientemente completa (género próximo + diferenças específicas). Enquanto que, para um nome de cor como “amarelo”, a definição baseia-se, em certa medida, na associação com entidades que apresentam como característica predominante a cor em questão. Ou seja, uma definição que se aproxima do tipo de definição por extensão, especialmente produtiva nos dicionários analisados, como será aprofundado nas secções seguintes.

Além disso, acreditamos ser particularmente relevante uma reflexão acerca do tipo de entidade apresentadas neste género de recursos. Na sequência de numerosos estudos que exploram a importância do valor da prototipicidade na organização mental do conhecimento, que se reflete na expressão linguística do mesmo (Rosch 1975; Cruse 1990; Poitou 2000), é evidente a relevância que o grau de exemplaridade tem na escolha das entidades selecionadas como exemplificativas de uma determinada categoria, ou em particular neste caso, como “portadoras” de uma determinada qualidade.

Logo, quanto mais prototípicas as entidades, menos periféricas e menos ambíguas serão e, conseqüentemente, menos problemáticas para a compreensão dos utilizadores no quadro de um recurso lexicográfico.

“Perceptually based categories do not have sharply delimited borders. Instead of clear demarcations between equally important conceptual areas, one finds marginal areas between categories that are only

unambiguously defined in their focal points. (Geeraerts 2010, 185)

Parece, portanto, consensual, entre os autores citados, a ideia de que as entidades prototípicas com as quais se identifica um determinado campo lexical, serão mais facilmente acessíveis e mais rapidamente processadas do que as entidades mais periféricas (Cruse 1990, 384).

Dentro da categoria ‘mamífero’, por exemplo, o ‘cavalo’ será muito mais próximo do centro, e então mais facilmente associado à categoria em questão, ao passo que o “ornitorrinco” encontrar-se-á mais perto da fronteira com outras categorias. É exatamente na sequência desta linha de pensamento, que queremos analisar em que medida as entidades evocadas nas definições de nomes de cores básicas respondem, efetivamente, a esta ideia de prototípico.

Para este estudo considerámos os seguintes dicionários:

- variedade do Português Europeu:
  - Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora (DLPE);
  - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP);
  - Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (DLPC).
- variedade do Português do Brasil
  - Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MMDLP);
  - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (DHLP);
  - Novo Aurélio o Dicionário da Língua Portuguesa, século XXI (NADLP).

Numa primeira análise preliminar, constatámos que havia diversos tipos de definições que classificámos genericamente em três tipos, como apresentamos de seguida com recurso ao exemplo nome de cor “amarelo”:

- Definição [+ técnica, – ambígua] “*cor correspondente à sensação provocada na visão humana pelas radiações monocromáticas cujos comprimentos de onda variam entre os 595 e os 575 nanómetros, aproximadamente, situando-se no espectro solar*” (DLPE)
- Definição [± técnica, ± ambígua] “*a cor que no espectro solar está entre o verde e o alaranjado*” (DPLP)
- Definição [– técnica, + ambígua] “*da cor da luz do Sol, da cor da gema do ovo, da cor do ouro ou da cor do açafreão; dourado, fulvo, louro*” (MMDLP)

Podemos questionar qual o critério lexicográfico para que em determinados casos seja utilizada uma ou outra tipologia dentro do mesmo dicionário, ou mesmo dentro do mesmo verbete (Marello and Onesti 2016), uma vez que não é possível encontrar um padrão sistemático. Mas não devemos esquecer que não existe uma maneira única de descrever as coisas no dicionário (Finatto 2003; Polguère 2003). No entanto, não pretende ser este o foco do nosso trabalho.

Na sequência da observação das definições lexicográficas dos vários nomes de cor (da respetiva organização interna do verbete e das polissemias associadas) constatámos que podíamos identificar três tipos de definição e respetivo público-alvo:

- a definição [+ técnica, – ambígua] parece direcionada para um público altamente especializado pois implica um conhecimento de carácter científico, sendo utilizados conceitos com os quais a maioria da população não está familiarizada, pois implicam um conhecimento de carácter científico, nomeadamente: “radiações monocromáticas”, “nanómetros” e “espectro solar”

a definição [± técnica, ± ambígua] parece direcionada para um público vasto e heterogéneo, ainda que, ao mesmo tempo, pressuponha algum conhecimento científico. Trata-se de uma definição relacional que enquadra e localiza os nomes de cor dentro de uma determinada escala. Este tipo de definição enquadra-se

na mesma linha de pensamento de Lyons, que referia a facilidade/capacidade dos falantes de distinguirem as cores, não como entidades individuais, mas através de uma delimitação de umas com as outras dentro de um *continuum* cromático (Lyons 1968).

a definição [– técnica, + ambígua] parece direcionada para o público geral, onde a definição surge por meio de associação com uma entidade do mundo real.

Perante a heterogeneidade de definições que apontam para a mesma realidade, concentraremos a nossa atenção na última definição [– técnica, + ambígua] direcionada para o público geral e sempre com nomeação de uma entidade, que naturalmente faz uso de elementos lexicoculturais.

As razões desta escolha devem-se a dois fatores principais: por um lado, serem definições recorrentes nos diversos dicionários consultados; por outro, apresentarem a realidade cromática do nome de cor sempre em associação com uma entidade concreta “facilmente reconhecível pelo conjunto de falantes” (Severo 2008, 10), por meio da comparação<sup>4</sup>.

Com o propósito de explorar o que é reconhecível e partilhado entre falantes de uma mesma comunidade através do dicionário, questionámos os efeitos de utilizar um tipo de definição (mais acessível e compreensível, mas ao mesmo tempo mais ambígua) sujeita a interpretações culturalmente determinadas.

Nesse sentido, queremos explorar em que medida varia a perceção cromática dos mesmos elementos extralinguísticos por comunidades culturalmente diferentes no âmbito de definições lexicográficas que, para facilitarem a compreensão dos utilizadores, precisam necessariamente de estar associadas a entidades (mais ou menos) concretas.

#### 4. Metodologia

Nesta secção descreveremos, de forma breve, os procedimentos usados para a recolha e seleção dos dados.

A primeira etapa, de acordo com os objetivos descritos em 1., foi pesquisar os nomes de cor básicos (preto/negro, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, castanho, cinzento, (cor-de-) rosa, roxo, (cor-de-) laranja) nos seis dicionários selecionados e verificar que informação era disponibilizada.

Para cada nome de cor básico preenchemos uma tabela com o verbete encontrado em cada fonte, como mostramos para o exemplo “branco”.

<sup>4</sup> Em (Severo, 2008) encontramos explorada a tipologia de comparação que as definições apresentam, i.e., por metonímia, extensão de sentido, metáfora, gradação, sinonímia, no entanto, não sendo a questão fulcral deste trabalho, e devido a questões de espaço, não aprofundaremos este tópico.



DLPE	nome masculino 1. cor semelhante à do leite, da cal ou da neve 2. cor correspondente à sensação provocada na visão humana pela luz solar não decomposta ou pela reflexão conjunta de todos os tipos de luz na proporção em que existem no espectro visível (...)
DPLP	substantivo masculino 8. Cor branca. 9. Roupa branca (ex.: estava de branco). 10. Tinta branca. 11. Espaço não preenchido num impresso ou num texto escrito. 12. Pedra ou quadrado do dominó sem pinta marcada. 13. Espaço maior que o entrelinhas ordinário (em impressos). 14. [Anatomia] Membrana externa branca do olho. = ESCLERÓTICA 15. Clara do ovo. 16. Alburno; alvo. (...)
DLPC	substantivo masculino 1. Cor da neve, da cal, do leite; cor que se opõe ao preto e é a mais clara de todas 2. Substância com a qual se pinta dessa cor 3. Parte branca de alguma coisa (...)
MMDLP	sm 1 A cor do leite ou da neve. 2 Matéria corante dessa cor: Ponha um pouco de branco para clarear a tinta amarela. 3 FÍS Cor de radiação policromática que causa a mesma sensação da luz solar e é decorrente da superposição de cores complementares. (...)
DHLP	substantivo masculino 14 a cor branca 14.1 Rubrica: ótica. para a visão de um observador humano, a luz solar não decomposta ou a cor de uma radiação policromática que crie a mesma impressão produzida pela luz solar; a cor acromática de menor semelhança com o preto 15 Derivação: por metonímia. roupa de cor branca (...)
NADLP	substantivo masculino 11. A cor branca 12. Substância com que se tingem de branco 13. Homem de raça branca (...)

**Tabela 1 Sistematização dos verbetes de acordo com o a fonte**

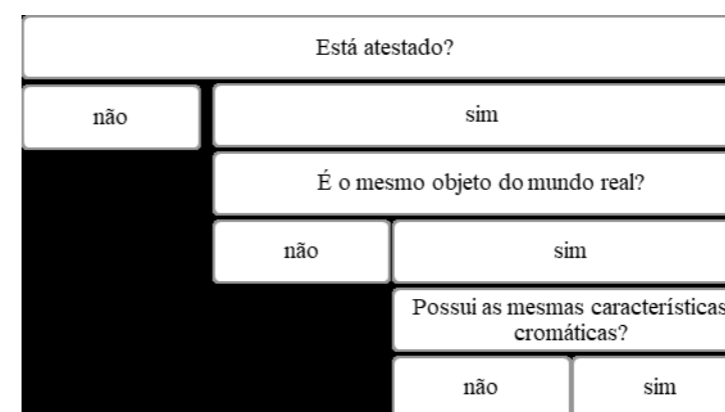
Num segundo momento, para cada verbete consultado foram extraídas todas as entidades mencionadas nas definições de nome de cor básico.

Por exemplo, para o nome de cor “branco” foram extraídas as entidades: “leite”, “cal” e “neve” (DLPE), clara de ovo (DPLP), “neve”, “cal” e “leite” (DLPC), “leite” e “neve” (MMDLP), n/a (DHLP) e “alburno” (NADLP).

Nesta pesquisa foram extraídas, considerando as definições de todos os nomes de cor básico, um total de 30 entidades (a partir das definições de nome de cor básico, como explicado em para análise, a saber: *açafrão, alburno, ametista, azeviche, cal, carvão, castanha, céu, cinza, clara (de ovo), enxofre, firmamento, gema (de ovo), laranja, leite, limão, madeira, neve, ouro, papoila, piche, planta, relva, rosa, rubi, sangue, terra, tomate, topázio, vegetação*).

De seguida, verificámos que todas as entidades extraídas estavam atestadas em todos os dicionários das duas variedades e fizemos uma revisão manual para excluir unidades lexicais como “roupa branca” e “homem de raça branca”, onde “branca” não corresponde à cor prototípica das entidades “roupa” ou “raça”, mas a uma adjetivação possível.

Numa segunda etapa, tendo como alvo específico as entidades, fizemos três perguntas de resposta fechada – positiva ou negativa - às quais respondemos tendo por base a informação constante no própria definição para sabermos se estamos perante (i) a mesma entidade, (ii) se possui as mesmas características cromáticas e (iii) se remete para a mesma cor.



**Figura 1. Percurso da entidade**

A primeira pergunta colocada foi “está atestado nos dicionários?” Se a resposta for positiva, avançamos para a segunda pergunta. Caso seja negativa, o nome de cor em causa termina aqui o seu percurso.

Considerámos como resposta positiva a atestação da entidade em pelo menos dois dos três dicionários por variedade. Verificámos que todas as entidades analisadas neste estudo estão atestadas em todos os dicionários considerados.

Apesar de parecer uma pergunta trivial, consideramo-la importante para avaliar o grau de partilha lexicultural entre as duas variedades. Neste sentido, se uma entidade estivesse presente em apenas uma das duas variedades não haveria relativamente àquela entidade específica, qualquer partilha lexicultural,

Apesar de parecer uma pergunta trivial, consideramo-la importante porque se uma entidade estivesse presente em apenas uma das duas variedades, não haveria qualquer partilha lexicultural<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Neste trabalho não obtivemos nenhum caso onde uma entidade só existisse em uma das variedades, no entanto, sabemos que um exemplo como “tinta da China” que é uma “tinta preta indelével, utilizada em desenhos e aguarela; nanquim” (Infopédia) surge atestado em PE e não em PB. Pois, em PB é utilizada apenas a forma “nanquim”, enquanto que em PE ambas são utilizadas. O exemplo “tinta da China” seria um caso que teria a resposta negativa.

A segunda pergunta colocada foi “estamos perante o mesmo objeto do mundo real?”. Pretendíamos verificar se estávamos, ou não, perante casos onde a mesma unidade lexical remete para dois objetos distintos. Se a resposta for positiva, avançamos para a terceira pergunta. Caso seja negativa, o nome de cor em causa termina aqui o seu percurso.

Neste estudo não obtivemos nenhum caso em que o resultado fosse negativo, ou seja, todos os dicionários das duas variedades apresentam as entidades listadas como nós da mesma cadeia hiponímica.

(1) “ametista” é definido como:

- DLPE: pedra preciosa (...)
- DPLP: pedra preciosa (...)
- DLPC: pedra semi-preciosa (...)
- MMDLP: pedra preciosa (...)
- DHLP: pedra preciosa (...)
- NADLP: pedra preciosa (...)

A amostra era bastante reduzida e, na nossa observação, todos responderam positivamente. No entanto, achámos importante contemplar esta possibilidade para um trabalho futuro.

A terceira, e última, pergunta colocada foi “estamos perante as mesmas características cromáticas?”. Nesta questão, pretendíamos saber se a cor que conseguimos recuperar através das características cromáticas apresentadas nas definições das entidades listadas era exatamente a mesma nos seis dicionários, ou não. É importante referir que, para a resposta a esta pergunta ser válida, considerámos como condição obrigatória e necessária que pelo menos dois dos três dicionários de cada variedade explicitassem a cor da entidade na definição lexicográfica da mesma.

Através das respostas que recolhemos tentámos estabelecer uma escala para medir o grau de partilha lexicocultural entre as duas variedades, entre total, parcial e nulo.

Na secção seguinte serão analisados de forma mais aprofundada os resultados obtidos.

## 5. Análise dos dados

É evidente que cada dicionário é construído tendo em conta critérios lexicográficos próprios, e que, apesar de todos os dicionários serem de língua geral, estes diferem entre si em vários aspetos: (i) apresentação visual da informação, (ii) organização da informação, (iii) informação disponibilizada. Não existe apenas uma forma de apresentar esta informação nos dicionários, nem como definir ou descrever os nomes de cor, tal como salientado por Finatto: “(...) adotar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, seria uma medida pouco inteligente à medida que nos afasta da realidade da linguagem em geral e também de uma linguagem técnica ou científica em uso.” (Finatto 2003, 202)

No entanto, considerámos que, independentemente dos critérios acima descritos, podemos tecer algumas considerações sobre os pontos de partida que norteiam essa escolha de critérios.

Relativamente à forma de organização das definições lexicográficas esta é heterogénea e assistemática, quer nos diferentes dicionários, quer no mesmo dicionário. Por vezes o verbete (organização das polissemias) apresenta a definição mais complexa (+ técnica) primeiro e a mais simples (- técnica) depois, ou vice-versa,

como exemplificado em (2a) para o nome de cor “amarelo”. Em outros casos temos apenas uma das duas definições, como exemplificado em (2b).

(2a) Verbete: amarelo

- nome masculino 1. uma das quatro cores primárias utilizadas em quadricromia, semelhante à do limão maduro, da gema do ovo ou do ouro 2. cor correspondente à sensação provocada na visão humana pelas radiações monocromáticas cujos comprimentos de onda variam entre os 595 e os 575 nanómetros, aproximadamente, situando-se no espetro solar; entre o verde e o laranja (DLPE)
- substantivo masculino 1 cor da gema de ovo, do açafião, do ouro 2 Rubrica: óptica. cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanómetros (DHLP)

(2b) Verbete: verde

- substantivo masculino 1. Cor que resulta da combinação do azul com o amarelo; cor da erva, das plantas. (DLPC)
- substantivo masculino 10. A cor verde em todas as suas gradações 11. Fis. No espetro visível, a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanómetros (NADLP)

Relativamente às respostas obtidas foi possível categorizarmos as entidades, de acordo com os hiperónimos (diretos ou indiretos) recuperados através das definições, como apresentado de seguida na listagem que elaborámos:

- Elementos meteorológicos (*neve*);
- Espaços naturais (*céu, firmamento, terra*);
- Elementos químicos (*enxofre, ouro*);
- Frutos (*limão, tomate, castanha, laranja*);
- Líquidos (*leite, sangue*);
- Minerais (*ametista, azeviche, rubi, topázio*);
- Plantas (*alburno, açafião, papoila, planta, relva, rosa, vegetação*);
- Substâncias naturais (*cinza, clara, gema, piche, madeira*);
- Substâncias artificiais (*cal, carvão*).

No que respeita às respostas obtidas através das nossas observações vimos que, se para as primeiras duas perguntas não obtivemos alguma resposta negativa, para a terceira pergunta já obtivemos respostas distintas, ou seja, registámos alguma variação nas características cromáticas percebidas como relevantes para os elementos analisados, como apresentamos de seguida.

- a) Todos os seis dicionários referem exatamente a mesma cor para “gema” (amarelo). Neste caso parece não haver qualquer dúvida que remetem para o mesmo objeto com, exatamente, as mesmas características cromáticas em PE e PB, logo apontam para a mesma cor referente.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>gema</i>	amarela	amarelo	amarela	amarela	amarela	amarela

Tabela 2 Mesma cor nos 6 dicionários

b) Os seis dicionários referem uma mesma cor, mas com tonalidades aproximadas, como é o caso de “açafraão, ametista, leite, ouro, rubi”. As tonalidades remetem para a mesma cor base, e ocorrem nas duas variedades.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>açafraão</i>	cor amarela de tom alaranjado	amarelo	amarelo alaranjado	cor amarelo alaranjado	amarelo	amarelo forte
<i>ametista</i>	cor purpúrea ou violeta	cor roxa	cor purpúrea ou violeta	cor roxa	cor roxa	cor roxa
<i>leite</i>	branco	esbranquiçado	branco-marfim	branco	branco	branco
<i>ouro</i>	amarelo-brilhante	amarelo	cor amarela	cor amarela vermelho	cor dourada	amarelo
<i>rubi</i>	vermelho vivo	vermelho vivo	vermelho forte	rosáceo ou vermelho intenso	cor vermelha	cor vermelha muito viva

Tabela 3 Mesma cor nos 6 dicionários

c) Os seis dicionários referem distintas características cromáticas para a mesma entidade. É o caso de “rosa”, sendo que, para ambas as variedades, as possibilidades cromáticas variam entre o branco e o vermelho, ou até “colorida”, sem qualquer especificação da escala.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>rosa</i>	várias cores	avermelhada	rosa ou outros	rosadas ou brancas, cores variadas	milhares de híbridos e variedades	colorido variado

Tabela 4 Cores diferentes nos 6 dicionários

d) Em cinco dicionários é mencionada exatamente a mesma cor: “azeviche, enxofre, sangue”, remetendo para o mesmo objeto e com as mesmas características cromáticas em PE e PB.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>azeviche</i>	-	cor muito negra	cor muito negra	cor negra	cor muito negra	cor muito negra
<i>enxofre</i>	cor amarelada	amarelo	amarelo	amarelo	-	amarelo
<i>sangue</i>	vermelho	vermelho	vermelho	vermelho	vermelho	-

Tabela 5 Mesma cor em 5 dicionários

e) Em cinco dicionários é mencionada a cor, mas verificamos uma diferença entre as variedades. Para

“limão”, parece haver uma tendência em PE de se nomear partindo do nome de cor básico amarelo (amarelo, amarelo-esverdeado) e no PB o inverso, partir do nome de cor básico verde (verde-amarelado). Para “topázio” também parece que as características são distintas, em PE é sempre amarelo, enquanto que em PB pode ter uma coloração variável, mas não especificada.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>limão</i>	casca amarela	cor amarela ou esverdeada	amarelo claro	entre o verde e o amarelo	-	verde-amarelada ou amarelo-esverdeada
<i>topázio</i>	cor amarela	cor amarela	incolor ou amarelo	cores variadas	cor variável	-

Tabela 6 Cores diferentes em 5 dicionários

f) Os quatro dicionários mencionam a mesma cor, remetendo para o mesmo objeto e com as mesmas características cromáticas em PE e PB: carvão, neve.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>carvão</i>	negra	-	negra	negra	-	negra
<i>neve</i>	branco		branco	branco	cor branca	

Tabela 7 Mesma cor em 4 dicionários

g) Os quatro dicionários mencionam a cor, mas verificamos uma ligeira diferença, em PE oscila entre a cor branca e ser transparente e em PB é sempre nomeada como transparente.

Entidade	DLPE	DPLP	DLPC	MMDLP	DHLP	NADLP
<i>clara (de ovo)</i>	-	branco	transparente	transparente	transparente	-

Tabela 8 Cores diferentes em 4 dicionários

Por fim, e apesar de quinze entidades não serem incluídas na análise acima (por apresentarem as características cromáticas explicitadas em menos do que dois dicionários por variedade), consideramos pertinente fazer uma breve menção dos mesmos.

- *piche, cal* – quatro dicionários mencionam a cor, mas apenas um em PE menciona, logo não temos ocorrências suficientes para o PE
- *laranja* – apenas três dicionários mencionam a cor, entre o amarelo e vermelho, mas apenas um em PB (MMDLP), logo não temos ocorrências suficientes para o PB.
- *papoila* – apenas três dicionários mencionam a cor: “colorida” (DLPE e NADLP) e “vermelha” (DLPC), logo não temos ocorrências suficientes para o PB.
- *tomate* – apenas dois dicionários do PE mencionam a cor deste fruto: “avermelhado” (DLPE) ou “vermelho” (DLPC), sendo que no PB nunca é mencionada a cor.
- *cinza* – apenas um dicionário (NADLP) menciona uma característica cromática e remete para



- “plúmbeo” (poderíamos discutir se é ou não a cor da cinza, pois remete para chumbo).
- *castanha* – apenas um dicionário do PB (MMDLP) menciona “pardo” como característica cromática
- *alburno, céu, firmamento, madeira, planta, relva, terra, vegetação* – Nenhum verbete dos dicionários menciona a cor. Não deixa de ser curioso que, no caso (*céu, firmamento, planta, relva e vegetação*), que são referidos como entidades prototípicas dos nomes de cor básicos azul (*céu, firmamento*) e verde (*planta, relva e vegetação*), nos seis dicionários, quando observamos as definições não surge nenhuma alusão à cor.

Após a descrição dos dados, considerámos que estes podiam ser organizados em categorias (independentemente do número de ocorrências ser três ou duas em cada variedade<sup>6</sup>):

- Entidades apresentam exatamente as mesmas características cromáticas, quer em PE, quer em PB (*gema de ovo, azeviche, enxofre, sangue, cal, carvão, neve*);
- Entidades que apresentam a mesma cor, com ligeira variação interna, mas que continuam a ter duas ocorrências iguais para cada variedade (*açafrão, ametista, ouro, rubi, clara*);
- Entidades que apresentam características distintas em PE e em PB (*limão, topázio*);
- Entidades que apresentam oscilação de cor em ambas as variedades (*rosa, leite*).

Retomando o esquema da Figura 1, apresentamos o grau de partilha lexicultural que corresponde a cada resposta.

Está atestado?			
não	sim		
não há partilha	É o mesmo objeto do mundo real?		
	não	sim	
	partilha quase nula	Possui as mesmas características cromáticas?	
		não	sim
		diferente cor partilha parcial	mesma cor partilha total
		limão, topázio	gema do ovo

Figura 2. Percurso da entidade e grau de partilha lexicultural

Se a entidade não estiver atestada em ambas as variedades, assumimos que não existe partilha entre as duas. Neste trabalho exploratório não obtivemos nenhum caso (ver nota de rodapé 4).

Se a entidade estiver atestada em ambas as variedades, mas definida como dois objetos diferentes, assumimos que teríamos um grau de partilha quase nulo. No entanto, neste trabalho exploratório não obtivemos nenhum caso.

Se a entidade estiver atestada em ambas as variedades, mas com características cromáticas diferentes, consideramos que haverá uma partilha apenas parcial entre ambas, como é o caso de limão e topázio.

Se a entidade estiver atestada em ambas as variedades, com as mesmas características cromáticas, julgamos

6 Excluindo as 15 entidades excluídas.

estar perante um caso de partilha lexicultural total e que a cor evocada através da entidade é exatamente a mesma em ambas as variedades. É o caso, por exemplo, de “gema de ovo” que está atestado em todos os dicionários, e é definido como sendo o mesmo objeto do mundo real, e nos seis dicionários é explicitada a mesma cor como característica relevante e distintiva, tanto para o PE, como para o PB.

Concluindo, e tendo em conta os dados recolhidos e analisados, se na primeira pergunta obtivermos uma resposta negativa, significa que a entidade, selecionada como prototípica pelo lexicógrafo, é na verdade altamente dependente do contexto geográfico/cultural/linguístico. Caso contrário, se a entidade responder positivamente a todas as perguntas, significa que a entidade selecionada como prototípica e representativa de uma determinada cor é efetivamente partilhada dentro do universo partilhado pelos falantes das comunidades linguísticas em questão.

## 6. Considerações Finais

Neste trabalho exploratório analisámos 30 entidades associadas aos nomes de cor básicos do Português. O objetivo pretendido com a metodologia criada e aplicada foi estabelecer o grau de partilha lexicultural na organização das entidades selecionadas nas duas variedades do Português, para determinarmos se o referente cromático potencial para o qual cada uma destas entidades aponta era o mesmo em ambos os contextos culturais ou não.

Através do da nossa série de perguntas aos dados, considerámos que se a entidade responde positivamente a todas as perguntas estamos perante uma partilha cultural total; se responde só a algumas é uma partilha parcial ou quase parcial, ou, em última instância, se responde negativamente a todas as perguntas – não há qualquer partilha entre as variedades e estamos perante entidades distintas e com características diversas.

Podemos afirmar que encontramos um elevado nível de partilha entre as duas variedades e, conseqüentemente, nos dois contextos culturais, no que diz respeito à conceptualização das entidades selecionadas, uma vez que todas as entidades que selecionámos responderam positivamente às primeiras duas perguntas.

No entanto, apesar de a amostra ser pequena, encontramos casos que demonstram claramente a presença de variação entre PE e PB, no que diz respeito aos referentes cromáticos potenciais que conseguimos recuperar através da ativação das entidades do mundo real. Este resultado demonstra a pertinência da nossa abordagem e da nossa análise, pois comprova a efetiva existência de possíveis ambigüidades.

É, também, importante referirmos que algumas das diferenças que encontramos dever-se-á ao facto de nos situarmos em territórios geográficos distintos e afastados, o que justificaria que determinadas entidades apresentem características cromáticas diversas.

Quanto aos recursos utilizados, uma vez constatada a falta de sistematicidade na construção das definições de nomes de cores, acreditamos ser importante alertar os utilizadores dos dicionários das potenciais ambigüidades que as definições lexicográficas de língua geral podem criar, em particular, numa perspetiva de comunicação intercultural, tendo em conta a facilidade de acesso aos recursos que as ferramentas gratuitas e em linha proporcionam.

## 7. Referências Bibliográficas

Berlin, Brent, and Paul Kay. 1991. *Basic Color Terms. Their Universality and Evolution*. Oxford: University of California Press.

Bondi, Marina. 2007. "If You Think This Sounds Very Complicated You Are Correct: Awareness of Cultural Difference in Specialised Discourse." In *Intercultural Aspects of Specialized Communication*, 2nd ed., 53–78. Bern: Peter Lang.

Carvalho, Anabela Morgado de. 1994. "Nomes de Cor Num Corpus Especializado – Moda e Vestuário Nos Últimos Trinta Anos (Contribuição Para a Descrição Lexicográfica Dos Nomes de Cor)." Universidade de Lisboa.

Correia, Margarita. 2006. "Towards a General Description of the Semantic Field of 'Colour' in European Portuguese." *Progress in Colour Studies* 1: 111–25.

Correia, Margarita, and Sílvia Barbosa. 2013. "Para o Estudo Da Denominação Da Cor Em Português: Estrutura e Significado Dos Nomes e Adjetivos Construídos." *Filologia e Linguística Portuguesa* 15 (2): 358–406. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15i2p358-406>.

Cruse, Alan. 1990. "Prototype Theory and Lexical Semantics." In *Meanings and Prototypes (RLE Linguistics B: Grammar)*, edited by S.L. Tsohatzidis, 392–412. London: Routledge.

Finatto, Maria José Bocorny. 2003. "A Definição de Termos Técnico- Científicos No âmbito Dos Estudos de Terminologia." *Revista de Estudos Da Linguagem* 11 (1): 197–222. <http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/09-Maria-Jose-Finatto.pdf>.

Galisson, Robert. 1988. "Cultures et Lexicatures. Pour Une Approche Dictionnaire de La Culture Partagée." *Annexes Des Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 7 (1): 325–41. <https://doi.org/10.3406/cehm.1988.2133>.

Geeraerts, Dirk. 2010. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford University Press.

Kay, Paul, and Chad K. McDaniel. 1978. "The Linguistic Significance of the Meanings of Basic Color Terms." *Language* 54 (3): 610–46. <https://doi.org/10.1353/lan.1978.0035>.

Lino, Maria Teresa, Alexandre Mavungo Chicuna, Ana Pita Grôz, and Daniel Medina. 2010. "Neologia, Terminologia e Lexicatura. A Língua Portuguesa Em Situação de Contacto de Línguas." *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12 (2): 187–201. <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59864/62973>.

Lyons, John. 1968. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge. Cambridge.

Marello, Carla, and Cristina Onesti. 2016. "Colourful Microstructures: How Italian Dictionaries See Colour Terms." In *Colour and Colour Naming: Crosslinguistic Approaches*, 91–104. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro.

Poitou, Jacques. 2000. "Prototypes, Saillance et Typicalité." *Nouvelles Terminologies* 21: 17–26.

Polguère, Alain. 2003. *Lexicologie et Sémantique Lexicale. Notions Fondamentales*. Le Presses de l'Université de Montréal.

Rey, Alain. 2008. *Le Français, Une Langue Qui Défie Les Siècles*. Paris: Gallimard.

Rosch, Eleanor. 1975. "Cognitive Representations of Semantic Categories." *Journal of Experimental Psychology* 104 (3): 192–233.

Said Ali, Manuel. 1931. "Nomes de Cores." *Revista de Philologia e de Historia* 1: 143–64.

Severo, Cristine Henderson. 2008. "Análise de Padrões Em Definições Lexicográficas de Vocábulos Que Designam Cores: Contribuições Da Semântica Cognitiva." *Revista Letra Magna - Revista Eletrônica de Divulgação Científica Em Língua Portuguesa, Linguística e Literária* 08: 1–20.

Swearingen, Andrew. 2002. "Seeing Red in Roxo: The Evolution of a Portuguese Colour Term." University of Copenhagen.

Villalva, Alina. 2016. "On the Grammatical Substance of Colour Words." In *Colour and Colour Naming: Crosslinguistic Approaches*, 5:105–29. Lisbon: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro.

Zavaglia, Cláudia. 1998. "Aspectos Semânticos Dos Cromônimos Entre as Línguas Italiana e Portuguesa Do Brasil." *Estudos Linguísticos* 27: 912–17.

———. 2006. "Dicionário e Cores." *Alfa* 50: 25–41.

———. 2007. "A Prática Lexicográfica Multilíngüe: Questões Concernentes Ao Campo Das Cores." *As Ciências Do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia* 3: 209–22.